

Diferencial de rendimentos e desigualdades intragrupo para os músicos atuantes em Belo Horizonte

Jonas da Silva Henrique (BELOTUR)
Ana Flávia Machado (CEDEPLAR/FACE/UFGM)
Mariangela Furlan Antigo (CEDEPLAR/FACE/UFGM)

Resumo

Como o campo de trabalho artístico é muito heterogêneo, este trabalho pretende verificar se os diferenciais de rendimentos e desigualdades retratados pela literatura ocorrem para os músicos atuantes em Belo Horizonte. Para tanto, nos meses de fevereiro, março e abril de 2020, foi realizada uma pesquisa para coleta de dados primários para responder estas questões. Os resultados sugerem que a hipótese de não linearidade entre nível de instrução e rendimentos não pode ser rejeitada. Quanto às desigualdades intragrupo, constata-se maiores desigualdades para músicos com dedicação exclusiva, faixa etária de 30 a 36 anos e graduados no ensino superior em música.

Palavras-chave: Diferencial de rendimento, desigualdades intragrupo, *survey*

Abstract

As the field of artistic work is very heterogeneous, this work intends to verify if the income differentials and inequalities pointed out by the literature occur for musicians working in Belo Horizonte. Therefore, in February, March and April 2020, a survey was carried out to collect primary data to answer these questions. The results suggest that the hypothesis of non-linearity between educational attainment and earnings cannot be rejected. Regarding intragroup inequalities, greater inequalities are found for musicians with exclusive dedication, aged between 30 and 36 years and graduates of higher education in music.

Keywords: Income differential, intragroup inequalities, *survey*

Área temática: 1. ECONOMIA

1. Introdução

O campo do trabalho do músico evidencia um ambiente com características de excesso de oferta de mão de obra, tais como renda média muito baixa, distribuição de renda distorcida, além do baixo impacto do nível de escolaridade sobre os rendimentos (MENGER, 2006).

Em vista destas condições, encontram-se relatos de que as ocupações artísticas podem não ser duradouras e que as circunstâncias identificadas no campo de trabalho podem acelerar o processo de transição para outros postos de trabalho ou da atividade para a inatividade (ALPER e WASSALL, 2006).

Sendo assim, esse trabalho tem por objetivo examinar os fatores associados à distribuição do rendimento. Em termos específicos, pretende-se analisar a relação entre nível de escolaridade e rendimentos derivados da música e mensurar a magnitude das desigualdades de renda intragrupo no campo de trabalho dos músicos. Para tanto, supõe-se que músicos com baixo nível de escolaridade podem aprimorar o seu talento e alcançar êxito em suas carreiras e, deste modo, os anos de estudo não acompanham linearmente o nível de renda auferido na música e que o campo de trabalho dos músicos tem sua distribuição de renda extremamente distorcida, com poucos indivíduos auferindo remunerações acima da média praticada no seu campo de atuação (ROSEN, 1981).

Essas hipóteses são testadas com músicos residentes em Belo Horizonte. A escolha da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais – Brasil, como foco locacional desta pesquisa, se dá pela notoriedade, diversidade e riqueza histórica da produção musical encontrada. A cena musical tem apelo não somente pela produção e interpretação de música nos mais variados estilos e gêneros musicais, mas também pela qualidade, diversidade e estética, além da elaboração e concepções de inovações musicais.

A qualidade e o dinamismo do setor musical de Belo Horizonte também foram constatados pelo Ministério da Cultura (MinC) em 2006, ao considerar a cidade como um dos polos mais importantes da Economia da Cultura no Brasil, envolvendo produtos e espetáculos musicais, sendo apontada como uma das mais relevantes no cenário nacional (PORTA, 2008).

Este artigo conta com quatro seções, além desta introdução. Na segunda, é feita uma revisão da literatura sobre objetos de análise em questão. Em seguida, detalha-se o processo de coleta de dados primários, amostragem e questionário, além de descrever as perguntas do questionário relativas à distribuição e desigualdade do rendimento e a estratégia estatística. A apresentação dos resultados encontra-se na quarta seção e, por fim, são elaboradas algumas conclusões.

2. Base de dados e Metodologia

O método empregado para coletar as informações sobre profissionais da música em Belo Horizonte, baseia-se na pesquisa de campo com questionário on-line autoaplicável enviado por correio eletrônico direcionados, em um primeiro momento, aos músicos registrados na Ordem dos Músicos do Brasil – OMB de Belo Horizonte e, posteriormente, para todos os músicos atuantes em Belo Horizonte. Em processo de construção de bola de neve, a amostra foi construída, pelo mailing da OMB, alcançaram-se aproximadamente 22% dos músicos entrevistados. O tamanho da amostra deveria ser de 375 entrevistas o que, estatisticamente, garante o nível de confiança e erro de estimação suficientemente aceitável para a realização da pesquisa com rigor estatístico recomendado, em um universo de 15.000 músicos¹, representando o espectro mais amplo que descreve a categoria em Belo Horizonte, ou seja, é representativo de modo quantitativo e não qualitativo. Todos os participantes

¹ Número aproximado informado pela Ordem dos Músicos do Brasil de Belo Horizonte.

receberam e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)². Ao todo, 380 indivíduos tiveram a oportunidade de acessar e responder o questionário geral, com perguntas referentes a todos os objetivos deste artigo, durante os meses de fevereiro, março e abril de 2020.

O instrumento de coleta foi elaborado para captar e mensurar as possíveis desigualdades de rendimentos, além de alcançar seus determinantes no universo de trabalho, considerando nível de educação musical, nível de escolaridade em outras áreas, contribuição com a previdência social dentro da música, contribuição com a previdência social fora da música, além de informações pessoais.

Os diferenciais de rendimentos têm sua fonte de dados gerada por quatro perguntas ao músico entrevistado sobre a sua renda mensal descritas no Quadro 1. Para além da formalidade e informalidade³, busca-se identificar se o músico está coberto pelos benefícios previdenciários e seguridade do trabalho, seja como músico ou em outro posto de trabalho.

Quadro 1 – Rendimentos e proteção social do trabalho

| | | |
|---|-----------------|-----|
| O seu rendimento principal é advindo da música? | Sim | Não |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal como músico? Por exemplo: Cachês, remunerações, salários, comissões, direitos autorais (Em R\$). | Resposta: _____ | |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal de todas as fontes? Por exemplo: a soma total de remunerações, salários, juros, investimentos, aluguéis, assistências, bolsas, benefícios, aposentadorias, etc... (em R\$) | Resposta: _____ | |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal familiar? (Em R\$) | Resposta: _____ | |
| Você contribui para a Previdência no seu trabalho como músico? | Sim | Não |
| Você contribui para a Previdência com outra profissão? | Sim | Não |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2019).

No caso dos músicos, a educação formal não está diretamente relacionada aos retornos salariais, uma vez que o mercado da música é muito mais complexo do que o mercado convencional (BILLE, JENSEN, 2018). Sabe-se que o conhecimento adquirido em uma formação superior em música é importante para promover e habilitar conhecimentos importantes no percurso profissional, embora seja comum indivíduos que consigam desenvolver suas habilidades de modo autodidata e, conseqüentemente, aprimorar seus talentos criativos a ponto de alcançar rendimentos similares ou superiores àqueles que passaram pelas cátedras universitárias (TOWSE, 2006).

Para observar a relação entre o nível educacional e os rendimentos dos músicos, o estudo visa testar a hipótese de que o nível de rendimentos está correlacionado de modo linear e crescente ao nível educacional. No Quadro 2 as questões tratam sobre o nível educacional formal, com três questões fechadas sobre formação específica como músico, em áreas diversas e grau mais elevado de ensino que o músico completou.

² O questionário e TCLE foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Minas Gerais no dia 22/11/2019.

³ Segundo a PNAD-contínua do IBGE, em 2019 e 2020, em Belo Horizonte, a maior parte dos músicos atuava por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada, em 2019, 64,71%, chegando a 100% no ano de 2020.

Quadro 2 - Educação Formal

| | | | |
|---|---|---|--|
| Você possui formação como músico/musicista? | Não. Sou autodidata e aprendi sozinho. Tive aulas de música na Escola – Nível fundamental Tive aulas de música na Escola – Nível médio Tive aulas em escola de música ou aulas particulares Sou aluno (a) universitário em música Sou graduado/formado como músico/musicista em nível superior | | |
| Possui formação em outras áreas? | Não | Formação Técnica ou Profissional | Formação Universitária |
| Qual foi o nível mais elevado que frequentou? | Nenhum Ensino Fundamental | Ensino Médio Ensino Téc. Prof. Superior | Pós-Graduação Mestrado Doutorado |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2019).

No Quadro 3, constam as questões investigadas sobre informações pessoais e familiares, as quais além de contribuir para a análise descritiva, justificam-se para evidenciar discriminação (ou não) na distribuição e diferenciais de rendimentos.

Quadro 3 - Informações Pessoais e Familiares

| | | | |
|--|-----------------------|---------------------|----------------------|
| Idade (anos) | Resposta: _____ | | |
| Nacionalidade | Resposta: _____ | | |
| Cidade e Estado de Nascimento (Exemplo: Belo Horizonte / Minas Gerais) | Resposta: _____ | | |
| Gênero | Masculino Feminino | Outro | |
| Raça ou cor/etnia autodeclarada | Branca Preta | Amarela Parda | Indígena Ignorado |
| Estado Civil | Casado Solteiro | Divorciado Outro | |
| Quantos filhos você tem? | Resposta: _____ | | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2019).

Com o intuito de testar se a educação formal afeta o rendimento do músico, o contexto empírico compatível com o universo do trabalho e do capital humano, tem-se a partir de Mincer (1974) a equação que considera a influência dos anos de experiência e instrução formal no rendimento dos indivíduos. Tal modelo é conhecido como equação de rendimentos, ou equação minceriana, que para este trabalho é referida da seguinte maneira:

$$\ln Y_i = a + b_1 s_i + b_2 j_i + b_3 c_i + b_4 m_i + u \quad (1)$$

Em que: $\ln Y$ = logaritmo natural do rendimento ou remuneração do trabalho do músico; s = escolaridade do artista em anos de estudo; j = experiência contabilizada pela idade; c = características individuais; m = características do posto de trabalho; a, b_1, b_2, b_3, b_4 = parâmetros estimados; u = termo de erro estocástico.

As deduções a partir da equação (1) pretendem demonstrar se os anos adicionais de escolaridade e experiência são significativos estatisticamente, e avaliam se há impacto positivo ou negativo sobre os rendimentos, ou seja, os parâmetros encontrados b_1 e b_2 demonstram os resultados acerca desta representatividade, c representa as variáveis controle por atributos pessoais e m do posto de trabalho.

Além das incertezas, de rotatividade e subemprego, o trabalho dos músicos também é caracterizado por profissionais que obtêm menores rendimentos com o seu trabalho, em grupos de idade e qualificação similares. Estes aspectos oferecem referências para que sejam investigadas as desigualdades intragrupo.

Ao observar detalhadamente esse objeto, Rosen (1981) ilustra a distribuição de renda no mercado dos músicos como extremamente distorcida, como fenômeno denominado como Economia dos *Superstars*. Como o *Superstar* se torna referência para os demais componentes do seu grupo de trabalho, torna-se referência de remuneração. A partir da existência dos ganhos extraordinários dos *Superstars*, Menger (2006) reporta que a entrada no campo de trabalho nas artes é induzida pelos *Superstars*, e a partir desta circunstância, pressupõe que os artistas seriam amantes do risco, sendo atraídos pela possibilidade de atingir ganhos não habituais ou improváveis de serem atingidos.

O processo metodológico que envolve a aplicação dos Indicadores de Desigualdade, necessita basicamente de duas informações primordiais: 1) a parcela acumulada de indivíduos considerados na amostra; e, 2) a parcela acumulada da renda recebida.

Com a finalidade de construir e analisar o Índice de Desigualdade, o Quadro 4 traz quatro perguntas, em que a primeira é fechada e todas as demais são abertas, sendo respondidas de modo numérico com base na moeda brasileira, o Real.

Quadro 4 - Renda

| | | |
|--|-----------------|-----|
| O seu rendimento principal é advindo da música? | Sim | Não |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal como músico? Por exemplo: Cachês, remuneração, salários, comissões, direitos autorais) (Em R\$) | Resposta: _____ | |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal de todas as fontes? Por exemplo: a soma total de remuneração, salários, juros, investimentos, aluguéis, assistências, bolsas, benefícios, aposentadorias, etc... (em R\$) | Resposta: _____ | |
| Quanto é o seu rendimento médio mensal familiar? (Em R\$) | Resposta: _____ | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2019).

Para avaliar a desigualdade intragrupo na profissão de músico, utiliza-se indicadores para demonstrar o nível de concentração da distribuição de renda e possibilitar a plotagem na curva de concentração ou curva de Lorenz no plano cartesiano, no qual as abscissas são as partes acumuladas do número de pessoas, a começar daquelas de menor renda em direção às de maior renda, e posicionado nas ordenadas as frações de acúmulo de renda total auferida (HOFFMANN, DUARTE, 1972). De acordo com Hoffmann (2004), diretamente associadas à área da curva de Lorenz e à linha de desigualdade perfeita ($\varphi=p$), podem ser definidas três formas de mensurar a desigualdade com o uso do Índice de Gini (G), o Índice de Mehran (M) e o Índice de Piesch (P). Estes indicadores são demonstrados da seguinte maneira:

$$G = \frac{2}{n} \sum_{i=1}^{n-1} (p_i - \varphi_i) \quad (2)$$

$$M = \frac{6}{n} \sum_{i=1}^{n-1} (1 - p_i)(p_i - \varphi_i) \quad (3)$$

$$P = \frac{3}{n} \sum_{i=1}^{n-1} p_i(p_i - \varphi_i) \quad (4)$$

Deve-se mencionar que o Índice de Mehran possui uma diferença entre a ordenada da linha de igualdade perfeita e a ordenada da curva de Lorenz, que é ponderada por $1-P_i$, tornando esse indicador moderadamente mais sensível às mudanças na parte inferior da distribuição, no comparativo com o índice de Gini. Já o Índice de Piesch o ponderador é P_i , o que o torna moderadamente mais sensível com as mudanças que ocorrem na parte superior da distribuição (HOFFMANN, 2004).

3. Resultados

A apresentação das informações estatísticas das características gerais encontradas dentre os participantes da pesquisa ao longo de 2020 iniciam-se pela Tabela 1.

Tabela 1 - Características gerais dos músicos belorizontinos

| Características gerais (%) | 1ª onda N= 380 |
|---|----------------|
| Branco | 48,03 |
| Homens | 81,10 |
| Idade (média) | 37,64 |
| Solteiro ou divorciado | 60,58 |
| Filhos (um ou mais) | 40,26 |
| Cidade de Origem (%) | |
| Belo Horizonte – MG | 57,74 |
| Formação em música (%) | |
| Superior completo | 32,37 |
| Autodidata | 27,37 |
| Aulas particulares | 25,79 |
| Superior incompleto | 12,63 |
| Educação formal geral (%) | |
| Superior completo | 51,05 |
| Pós-Graduação / especialização | 14,47 |
| Ensino médio ou Técnico profissionalizante | 20,00 |
| Mestrado | 7,89 |
| Doutorado | 4,47 |
| Nenhum ou Fundamental completo | 2,10 |
| Carreira | |
| Tempo de atuação como músico (média em anos) | 18,07 |
| Idade do primeiro trabalho na música (idade média) | 18,57 |
| A música foi o seu 1º ou 2º posto de trabalho (%) | 67,63 |
| Nenhum período totalmente sem trabalho remunerado (%) | 44,47 |
| Algum período de inatividade como músico (%) | 55,53 |
| Média do maior período de inatividade como músico (meses) | 8,25 |
| Contribuição com a previdência social | |
| Como músico | 41,84 |
| Como outra profissão | 39,47 |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Os resultados encontrados destacam que, em média, os músicos são predominantemente brancos, homens, com idade média de aproximadamente 37 anos, solteiros ou divorciados e sem filhos. No que se refere à origem dos músicos residentes em Belo Horizonte, observou-se que 42,37% são naturais de outras cidades. Os migrantes são provenientes, em maior medida, de Contagem (MG), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ).

Em relação à educação formal é constatado que 51,05% dos músicos possuem ensino superior completo em alguma área do conhecimento. Dentre aqueles que declararam ter o ensino superior completo, 32,37% são graduados especificamente em música. Nota-se que 27,37% atuam como músicos e se classificam como autodatas. Chama a atenção o percentual de músicos com ensino superior em áreas distintas da música. Os dados retratam que 20% possuem formação em nível médio ou técnico profissionalizante e somente 2,10% se autodeclararam sem instrução ou com o fundamental completo.

No que diz respeito à experiência no campo de trabalho dos entrevistados, tem-se a informação de que, em média, os participantes desta amostra atuam no campo da música há aproximadamente dezoito anos. Já o início da trajetória profissional ocorre nos primórdios da juventude, com dezoito anos de idade, sendo o posto de trabalho na música o primeiro ou segundo (67,17%).

Em relação a trajetória profissional, conseguiu-se captar que a maior parte dos entrevistados, após iniciarem a sua carreira no campo da música, ficou totalmente sem trabalho remunerado por algum período (55,53%). O período médio de maior duração como inativo na ocupação de músico foi de 8,25 meses.

No âmbito da proteção social do trabalho, verifica-se que 41,84% dos músicos contribuem para a previdência social como músico e 39,47% são músicos que contribuem para a previdência social com outra ocupação. As estatísticas que descrevem os músicos atuantes em Belo Horizonte, em linhas gerais, vão ao encontro dos achados por Hennekam e Bennet (2017), Campbell (2018), Alacovska e Gil (2019) para o conjunto de trabalhadores das artes e da cultura em outros países.

A Tabela 2 apresenta as medidas centrais dos rendimentos do músico, o rendimento familiar e o rendimento de todas as fontes.

Tabela 2 –Rendimentos – medidas centrais

| Rendimentos mensais não nulos | R\$ | N=381 |
|--|--------------|--------------|
| Como músico – Geral* | 2.733,27 | 88,18% |
| Como músico - Com dedicação exclusiva | 3.736,16 | 48,81% |
| Como músico - Sem dedicação exclusiva | 1.489,69 | 39,37% |
| Rendimento de todas as fontes | 4.240,71 | 95,53% |
| Rendimento familiar | 6.448,94 | 95,80% |
| Remuneração por hora trabalhada | R\$/h | N=381 |
| Como músico – Geral* | 131,34 | 87,40% |
| Como músico - Com dedicação exclusiva | 156,98 | 49,34% |
| Como músico - Sem dedicação exclusiva | 87,42 | 37,79% |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Nota*: A diferença percentual destas respostas é equivalente aos entrevistados que não responderam ou não souberam responder estas perguntas.

A partir destas informações, tem-se que os músicos com dedicação exclusiva recebem remuneração por hora trabalhada 83% superior àqueles que não possuem dedicação exclusiva na música.. Os dados ainda permitem observar que a diferença entre o rendimento médio de todas as fontes é superior aos rendimentos derivados da música nos três grupos observados.

Ainda observando os resultados sobre a remuneração com o trabalho, constata-se que o rendimento médio como músico (sem dedicação exclusiva) representa 35,12% do rendimento de todas as fontes, indicando que o salário derivado da música é inferior à remuneração que o músico recebe em atividades não relacionadas com a música. Para este grupo, a racionalidade econômica estabelece que eles não forneceriam mão de obra ao campo de trabalho musical, mas gastariam mais do seu tempo oferecendo a sua força de trabalho a um trabalho não musical. Estes resultados são similares aos mencionados em pesquisas empíricas por Throsby (1994) e Robinson e Montgomery (2000), em que a remuneração fora do campo de trabalho artístico é superior à auferida no trabalho artístico.

As diferentes atividades declaradas pelos músicos entrevistados indicam que o músico atuante em Belo Horizonte é qualificado e pode estar atuando em diferentes áreas de trabalho utilizando as suas habilidades ou conhecimentos musicais. Para descrever as ocupações, tanto principais quanto secundárias, dentro da música, a Tabela 3 e a Tabela 4 reportam as principais atividades realizadas pelos músicos atuantes em Belo Horizonte.

Tabela 3 – Atividades como músico profissional

| Atividade | Frequência | (%) | Acumulado de atuações principais | |
|---|-------------------|------------|---|------|
| - Shows em Teatros, casas de espetáculos, praças, festivais | 240 | 62,99 | | |
| - Música ao vivo em bares, restaurantes, cerimoniais | 224 | 58,79 | Média | 2,84 |
| - Ensino | 176 | 46,19 | Mediana | 3 |
| - Gravação, arranjos e pré-produção | 162 | 42,52 | Moda | 3 |
| - Compositor | 121 | 31,76 | Desvio Padrão | 1,41 |
| - Concertos e recitais | 73 | 19,16 | Mínimo | 1 |
| - Apresentação em evento religioso | 55 | 14,44 | Máximo | 9 |
| - Outros | 26 | 6,82 | | |
| - Pesquisa | 4 | 1,05 | | |
| Posto de trabalho | Frequência | (%) | Acumulado de posto de trabalho | |
| Instrumentista | 251 | 65,88 | | |
| Professor | 150 | 39,37 | Média | 2,39 |
| Cantor | 140 | 36,75 | Mediana | 2 |
| Intérprete | 130 | 34,12 | Moda | 1 |
| Compositor | 113 | 29,66 | Desvio Padrão | 1,27 |
| Arranjador / Orquestrador / Produtor | 83 | 21,78 | Mínimo | 1 |
| Outros | 24 | 6,3 | Máximo | 7 |
| Maestro / Regente | 22 | 5,77 | | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Os dados evidenciam que os músicos atuantes em Belo Horizonte acumulam, em média, mais do que duas atividades simultâneas, envolvendo principalmente shows e atuações ao vivo (como apresentações em bares, restaurantes e cerimoniais), ensino de música e gravação. Este achado aponta ainda que a maioria dos músicos atua como instrumentistas e professores de música.

Tabela 4 - Outra atividade remunerada envolvendo música

| Tipo de atividade | Frequência | Percentual | Acumulado de atividades | |
|---------------------------|-------------------|-------------------|--------------------------------|------|
| Professor de música | 153 | 40,16 | | |
| Gravação | 61 | 16,01 | | |
| Outras não listadas | 56 | 14,7 | Média | 1,12 |
| Produtor de Eventos | 47 | 12,34 | Mediana | 1 |
| Tec. Som | 39 | 10,24 | Moda | 0 |
| Artista Gráfico / Digital | 24 | 6,3 | Desvio Padrão | 1,24 |
| Assistente de Estúdio | 16 | 4,2 | Mínimo | 0 |
| Luthier | 12 | 3,15 | Máximo | 8 |
| Assistente de palco | 12 | 3,15 | | |
| Tec. Luz | 8 | 2,1 | | |
| Tec. Pirotecnia | 2 | 0,52 | | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Entre as atividades secundárias remuneradas envolvendo música, a atividade de professor e gravação estão entre as mais citadas. Em média, os músicos acumulam mais do que uma atividade remunerada envolvendo música ou conhecimentos musicais.

Em referência ao detalhamento do campo de atuação dos músicos em Belo Horizonte, as informações primárias ainda retratam que a maior parte dos músicos exerce sua profissão em banda ou solo (assim como músicos de bar, violão e voz, etc.), tendendo a acumular funções e atuar em mais de um tipo de conjunto/atuação musical.

Ao constatar as particularidades do campo de trabalho do músico atuante em Belo Horizonte, busca-se avançar no detalhamento da diversidade de estilos musicais produzidos localmente, assim como nos estudos prévios, como o realizado pela Fundação João Pinheiro (2010) e nas descrições de Martins (2009), de Medeiros (2011) e Alves (2018).

As informações obtidas ao longo de 2020 vão ao encontro de estudos prévios, evidenciando a MPB como o principal estilo musical de Belo Horizonte, sendo citado por 55,12% dos entrevistados, com o rock e o pop nas colocações subsequentes. Como destacado na Tabela 5, os músicos entrevistados atuam, em média, em mais do que três estilos musicais diferentes, sugerindo que a construção da carreira do músico local é instituída por profissionais multiespecializados, com capacidade para ocupar espaços em diferentes estilos musicais de modo a assegurar a permanência na ocupação.

Tabela 5 – Tipo de conjunto e estilo musical de atuação

| Tipo de conjunto musical | Frequência | (%) | Acumulado | |
|---|-------------------|------------|---|------|
| Banda | 262 | 68,77 | Média | 1,67 |
| Solo | 154 | 40,42 | Mediana | 1 |
| Outros | 101 | 26,51 | Moda | 1 |
| Grupo de música de câmara | 45 | 11,81 | Desvio Padrão | 0,86 |
| Orquestra | 43 | 11,29 | Mínimo | 1 |
| Coral | 32 | 8,4 | Máximo | 5 |
| Campo (estilo) musical de trabalho | Frequência | (%) | Acumulado campo (estilo) musical de trabalho | |
| MPB | 210 | 55,12 | | |
| Rock | 204 | 53,54 | | |
| Pop | 178 | 46,72 | | |
| Jazz | 127 | 33,33 | | |
| Samba | 120 | 31,5 | Média | 3,6 |
| Erudito | 104 | 27,3 | Mediana | 3 |
| Outros | 92 | 24,15 | Moda | 1 |
| Gospel ou religioso | 67 | 17,59 | Desvio Padrão | 2,44 |
| Pagode | 63 | 16,54 | Mínimo | 1 |
| Sertanejo | 60 | 15,75 | Máximo | 13 |
| Metal | 57 | 14,96 | | |
| Funk Americano (<i>Soul music</i>) | 41 | 10,76 | | |
| Rap, Hip Hop, Funk (brasileiro) | 25 | 6,56 | | |
| Eletrônico | 24 | 6,3 | | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Constata-se na literatura especializada (THROSBY, 2001; MENGER, 2006) que o excesso de oferta de mão de obra é recorrente no campo de trabalho artístico e tem como seus principais indicadores os baixos rendimentos, distribuição de renda distorcida e baixo impacto da educação formal sobre os rendimentos. Sob esta ótica, tem-se para o caso dos músicos de Belo Horizonte que 54,33% têm a percepção de excesso de oferta de músicos no campo de trabalho.

Ao aprofundar estas informações, os resultados primários ressaltam que as principais atividades remuneradas fora do ramo da música, listadas na Tabela 6, sinalizam que os músicos

belorizontinos desenvolvem até cinco atividades diferentes fora da música, sendo que a principal delas é a de Professor (em outras áreas). O exercício de uma única atividade paralelamente à atividade de músico é o resultado mais encontrado na amostra.

Dentre as mais citadas, também estão as de ator e fotógrafo, além de atividades que podem estar relacionadas a uma cadeia produtiva criativa das artes e da música, tais como design gráfico, produção cultural, artes gráficas, marketing digital, edição de vídeos e planejamento de marketing em redes sociais.

Tabela 6 – Principais atividades remuneradas fora da música nos últimos 4 meses

| Posição | 1ª atividade | 2ª atividade | 3ª atividade | 4ª atividade | 5ª atividade |
|---------|--------------------------------|----------------|-------------------|------------------|--|
| 1 | Professor (em outras áreas) | Administração | Produção cultural | Edição de Vídeos | Planejamento de Marketing em Redes Sociais |
| 2 | Vendedor | Fotografia | Marketing Digital | | |
| 3 | Servidor Público | Artes Gráficas | Tradução | | |
| 4 | Administração | Ator | | | |
| 5 | Design | | | | |
| 6 | Design Gráfico | | | | |
| 7 | Motorista | | | | |
| 8 | Comerciante | | | | |
| 9 | Produção cultural | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Destaca-se que 26,5% dos entrevistados relataram algum período totalmente sem trabalho remunerado no primeiro quadrimestre de 2020. Ademais, observa-se que o trabalho como músico sem remuneração ocorre, em ao menos algum período, para uma parcela de 46,19% dos entrevistados.

A equação minceriana, ou equação de salários, é um arcabouço teórico concebido por Mincer (1974) que associa os rendimentos a fatores explicativos como nível de instrução, idade e experiência bem como a outras características individuais e do posto de trabalho. Com este método aplicado ao campo de trabalho dos músicos, busca-se trazer evidências sobre os diferenciais de rendimento. Portanto, a formalização do modelo empírico testado nesta seção se dá da seguinte forma:

$$\begin{aligned}
 \ln_w = & \beta_0 + \beta_1 \text{ Sexo} + \beta_2 \text{ Cor ou Raça} + \beta_3 \text{ Origem} + \beta_4 \text{ Previdência} + \\
 & \beta_5 \text{ Música como renda principal} + \beta_6 \text{ Ensino superior em música} + \\
 & \beta_7 \text{ Nível de escolaridade} + \beta_8 \text{ Idade} + \\
 & \beta_9 \text{ Primeiro ou segundo emprego na música} + \beta_{10} \text{ Idade do primeiro emprego} + \\
 & \beta_{11} \text{ Índice de satisfação global} + \varepsilon \quad (5)
 \end{aligned}$$

Para esta análise, dois modelos econométricos foram estimados. O primeiro modelo, além das variáveis características do objeto de análise, considera, também, as variáveis explicativas convencionais encontradas em equações mincerianas. O segundo modelo econométrico inclui somente as variáveis explicativas relacionadas aos indícios encontrados na literatura que tendem a explicar os diferenciais de rendimento, no caso dos músicos.

No questionário são também feitas perguntas sobre satisfação no trabalho e com a remuneração. A partir destas informações, a avaliação dos resultados encontrados no questionário de satisfação tem por base uma escala do tipo Likert de seis pontos, assim como Robertson, Cooper e Willians (1990), traduzido para o português por Swan, De Moraes e Cooper (1993), aplicados por Martinez (2002), adaptado e aplicado por Marquez e Moreno

(2009). A combinação dos resultados das duas dimensões de satisfação são traduzidas no Índice Global de Satisfação, uma das variáveis explicativas do modelo Na Tabela 7 estão os resultados estimados para a equação de salários.

Tabela 7 – Resultados das estimações da equação de salários

| Variáveis independentes | Coefficiente | P>t | Coefficiente | P>t |
|--|--------------|-------|--------------|-------|
| Sexo (feminino omitido) | 1,240154 | 0,225 | - | - |
| Raça ou cor/etnia autodeclarada (não brancos omitidos) | -0,6138 | 0,437 | - | - |
| Origem (fora de BH omitidos) | -1,32874 | 0,112 | - | - |
| Previdência Social como músico (s/previdência omitido) | 0,769382 | 0,426 | - | - |
| Música como renda principal | 4,35658 | 0,000 | 4,673939 | 0,000 |
| Ensino superior em música (omitidos s/ensino superior em música) | 0,523522 | 0,63 | 0,715224 | 0,482 |
| Nível de escolaridade – completo (sem instrução e ensino fundamental omitidos) | | | | |
| Ensino médio e técnico | 8,293444 | 0,001 | 7,801833 | 0,001 |
| Superior | 6,421782 | 0,009 | 6,408053 | 0,007 |
| Especialização, mestrado, doutorado | 6,691165 | 0,008 | 6,721314 | 0,006 |
| Idade (até 24 anos omitidos) | | | | |
| De 25 a 35 anos | 5,676038 | 0,009 | 5,676038 | 0,007 |
| De 36 a 44 anos | 5,016328 | 0,018 | 5,016328 | 0,013 |
| Acima de 44 anos | 6,124876 | 0,006 | 6,124876 | 0,003 |
| Primeiro ou segundo posto de trabalho na música | 1,789384 | 0,05 | 1,789384 | 0,112 |
| Idade do primeiro posto de trabalho na música (até 14 anos omitidos) | | | | |
| De 15 a 19 anos | 3,13398 | 0,006 | 3,13398 | 0,013 |
| De 20 a 29 anos | 2,429612 | 0,056 | 2,429612 | 0,067 |
| Acima de 30 anos | 1,432121 | 0,545 | 1,432121 | 0,998 |
| Índice de Satisfação Global (insatisfeitos omitidos) | 0,584512 | 0,046 | 0,584512 | 0,029 |
| Intercepto | -17,5323 | 0 | -17,5323 | 0,000 |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

A princípio, os resultados encontrados destacam que as variáveis, sexo, cor, origem e contribuição para a previdência social, que tradicionalmente são encontradas em estudos que descrevem os diferenciais de rendimento no campo de trabalho convencional, não foram estatisticamente significativas para explicar as diferenças de rendimento. Os músicos que possuem ensino superior em música também não apresentaram uma correlação estatisticamente significativa com a renda. Entretanto, as variáveis categóricas que destacam o nível de educação formal (generalista) são significativas.

Embora se entenda que o conhecimento adquirido nas estruturas convencionais de educação não contribua de modo direto para o avanço das suas habilidades como músico, tem-se indícios de uma relação positiva, mas não linear, entre renda e nível de ensino formal (em áreas do conhecimento distintas da música). Esta constatação tem por base os resultados encontrados para os músicos com ensino médio (ou técnico) completo. Tais resultados são maiores do que os observados para indivíduos com ensino superior ou pós-graduação completa (especialização, mestrado, doutorado).

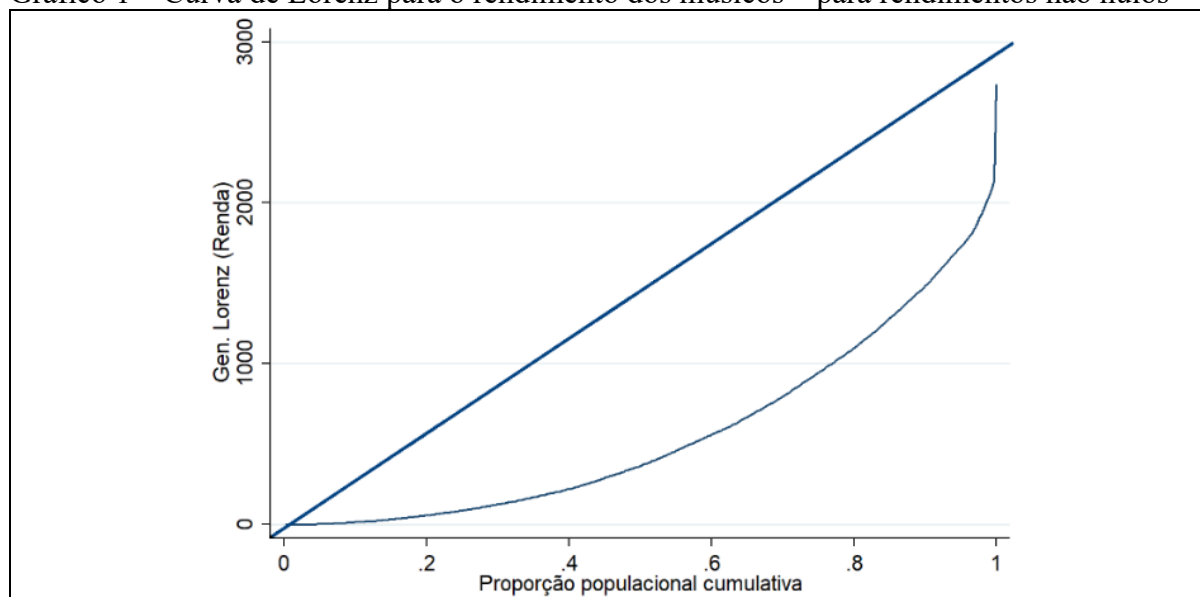
Estes resultados estão de acordo com os relatos descritos por Haak (2005) e Bille e Jansen (2018), ao exporem que os diferentes níveis de educação formal são importantes para minimizar os riscos econômicos da carreira, diminuir barreiras para a entrada e, também, auxiliar na permanência, mas estes atributos não explicam linearmente os diferenciais de rendimento, assim como ocorreu nos achados deste artigo. Portanto, confirma-se a hipótese de que os retornos pecuniários derivados da ocupação de músico não acompanham linearmente os ganhos de anos de estudo. Os achados retratam uma relação linear e positiva entre retornos pecuniários e idade. Conforme destaca Menger (1999), artistas jovens e com pouca experiência aceitam ocupar postos de trabalho com baixa remuneração pecuniária para aprimorar os seus conhecimentos sobre o campo de atuação e melhorar as suas aptidões artísticas, passando por um processo de aprendizado.

A sensibilidade em relação aos rendimentos é constatada nas estimativas, quando se identificam relações positivas e inversamente proporcionais entre a renda e a idade do primeiro posto de trabalho na música. Ou seja, os diferenciais de rendimentos, em parte, podem ser explicados pela entrada “precoce ou tardia” no campo de trabalho como músico. Em relação aos resultados obtidos com a satisfação com o trabalho, tem-se que músicos tidos como satisfeitos em amplos aspectos da sua trajetória profissional estão propensos a terem rendimentos 58% superiores aos dos insatisfeitos.

Em uma análise geral para observar a distribuição de renda dos músicos atuantes em Belo Horizonte, tem-se, no Gráfico 1, a curva de Lorenz para o rendimento dos músicos, sob o ponto de vista da perfeita igualdade de rendimento, representada pela reta com 45° graus de inclinação. O comportamento encontrado na curva de Lorenz⁴ indica a existência de desigualdades de rendimentos entre os músicos ao longo da distribuição. Chama a atenção o formato da inclinação da curva que ocorre mais ao alto da distribuição, sugerindo que há concentração e desigualdades de rendimentos na parcela de músicos com as maiores remunerações.

⁴ A curva de Lorenz encontra-se entre a linha central (com inclinação em 45°) de perfeita igualdade e de extrema desigualdade. Portanto, quanto mais próxima ela estiver da linha de perfeita igualdade mais igualitária é a distribuição de renda do perfil observado, e, quanto mais afastada a curva de Lorenz estiver da diagonal plotada no Gráfico 2, maior será a concentração de renda entre os músicos entrevistados.

Gráfico 1 – Curva de Lorenz para o rendimento dos músicos – para rendimentos não nulos



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

A investigação sobre as desigualdades intragrupo nos induz a observar estes diferenciais em dois grandes grupos: 1 – Rendimentos como músico sem dedicação exclusiva; 2 – Rendimentos como músico com dedicação exclusiva. A desigualdade de rendimento médio entre os grupos observados se repete ao longo de toda as faixas de renda, conforme destaca a Tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição de renda dos músicos

| Grupo (%) | 1 - Rendimento como músico - sem dedicação exclusiva (R\$) | 2 - Rendimento como músico - com dedicação exclusiva (R\$) | Rendimento como músico – geral (R\$) |
|-------------|--|--|--------------------------------------|
| 10 | Até 150 | Até 600 | Até 300 |
| 25 | 300 | 1.400 | 650 |
| 50 | 800 | 2.500 | 1.600 |
| 75 | 1.500 | 3.500 | 3.000 |
| 90 | 2.200 | 5.000 | 4.500 |
| 95 | 3.500 | 5.500 | 5.000 |
| 99 | Acima de 9.000 | Acima de 12.000 | Acima de 12.000 |
| Média (R\$) | 1.142,85 | 3.605,43 | 2.733,27 |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Nota: Teto de remuneração é de R\$ 9.000,00 para músicos sem dedicação exclusiva e R\$ 200.000,00 para músicos com dedicação exclusiva.

Sabendo que uma das desvantagens dos Índices de Gini, Mehran e Piesch é não considerar as desigualdades de oportunidades, a fim de minimizar estas partes não captadas pelos indicadores propostos, os resultados encontrados direcionam esta análise em diferentes grupos para além da inserção, considerando distintas faixas etárias e, também, níveis de escolaridade. Estas informações constam na Tabela 9.

Tabela 9 - Desigualdade de rendimento entre os músicos – rendimentos não nulos

| Rendimento como músico | Rendimento médio (R\$) | Gini | Mehran | Piesch |
|---------------------------------|-------------------------------|-------------|---------------|---------------|
| 1 - Sem dedicação exclusiva | 1.142,85 | 0,53 | 0,68 | 0,46 |
| <i>Faixa etária</i> | | | | |
| Até 29 anos | 567,50 | 0,17 | 0,27 | 0,13 |
| De 30 a 36 anos | 747,27 | 0,48 | 0,65 | 0,41 |
| De 37 a 43 anos | 1.191,25 | 0,44 | 0,60 | 0,37 |
| De 44 a 70 anos | 1.716,12 | 0,60 | 0,74 | 0,53 |
| <i>Nível de escolaridade</i> | | | | |
| Ensino superior em música | 1.923,22 | 0,58 | 0,73 | 0,50 |
| Ensino superior em outras áreas | 1.160,31 | 0,50 | 0,66 | 0,41 |
| Sem ensino superior | 1.122,54 | 0,55 | 0,69 | 0,49 |
| Músico autodidata | 891,90 | 0,42 | 0,58 | 0,34 |
| 2 - Com dedicação exclusiva | 3.605,43 | 0,54 | 0,65 | 0,48 |
| <i>Faixa etária</i> | | | | |
| Até 29 anos | 1.462,00 | 0,41 | 0,56 | 0,32 |
| De 30 a 36 anos | 5.092,81 | 0,68 | 0,77 | 0,64 |
| De 37 a 43 anos | 2.975,68 | 0,34 | 0,47 | 0,27 |
| De 44 a 70 anos | 3.211,24 | 0,49 | 0,65 | 0,42 |
| <i>Nível de instrução</i> | | | | |
| Ensino superior em música | 5.885,31 | 0,60 | 0,69 | 0,56 |
| Ensino superior em outras áreas | 2.608,29 | 0,42 | 0,57 | 0,34 |
| <i>Continuação da Tabela 9</i> | | | | |
| Sem ensino superior | 3.995,34 | 0,57 | 0,67 | 0,52 |
| Músico autodidata | 2.601,21 | 0,39 | 0,53 | 0,32 |
| Geral | 2.733,27 | 0,58 | 0,71 | 0,51 |
| <i>Faixa etária</i> | | | | |
| Até 29 anos | 1.318,88 | 0,42 | 0,57 | 0,35 |
| De 30 a 36 anos | 3.486,05 | 0,71 | 0,81 | 0,66 |
| De 37 a 43 anos | 2.380,87 | 0,41 | 0,58 | 0,34 |
| Acima de 44 anos | 2.567,51 | 0,52 | 0,67 | 0,44 |
| <i>Nível de escolaridade</i> | | | | |
| Ensino superior em música | 4.807,90 | 0,62 | 0,73 | 0,57 |
| Ensino superior em outras áreas | 1.866,92 | 0,50 | 0,66 | 0,42 |
| Sem ensino superior | 3.246,50 | 0,60 | 0,72 | 0,54 |
| Músico autodidata | 1.746,56 | 0,48 | 0,64 | 0,40 |

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor (2022).

Constatou-se que, entre o grupo dos músicos sem dedicação exclusiva, ocorrem os rendimentos médios mais baixos (R\$ 1.142,85), quando comparados aos músicos com dedicação exclusiva (R\$ 3.605,43). A faixa etária entre os músicos sem dedicação exclusiva demonstra estar em relação direta com a renda, ou seja, quanto maior a faixa etária, maior foi o rendimento médio. Em contrapartida, a faixa etária acima de 44 anos relata os maiores níveis de desigualdade computados pelos indicadores. Ainda que a faixa etária de até 29 anos apresente os menores níveis de desigualdades ao longo da distribuição, observa-se, também, nesta faixa de idade, os menores rendimentos médios mensais. Considerando os diferentes níveis de escolaridade, tem-se que os maiores níveis de desigualdade ocorrem entre os músicos com ensino superior em música. Já os músicos autodidatas possuem menores níveis de desigualdade, mas são aqueles que percebem os menores rendimentos.

Ao se observar o grupo dos músicos com dedicação exclusiva à música, confirma-se que não há uma relação direta entre renda e idade, sendo que os maiores níveis de desigualdade ocorrem na faixa de 30 a 36 anos de idade. Entretanto, os resultados encontrados para os diferentes níveis de escolaridade retratam que os graduados em música são os de maiores salários médios e, também, são aqueles com maiores níveis de desigualdade encontradas.

Ao contrapor ambos os grupos de análise, compreende-se que existem maiores níveis de desigualdade entre os músicos com dedicação exclusiva, com destaque para aqueles com ensino superior em música e na faixa etária de 30 a 36 anos de idade, que apresentam os maiores rendimentos médios encontrados nesta análise (R\$ 5.885,31 e R\$ 5.092,81, respectivamente). Estas são as características observadas que possuem as maiores variações de renda em relação à média observada, e, deste modo, são os perfis com maiores desigualdades. Já os músicos autodidatas, com dedicação exclusiva ou não, encontram-se em distribuição menos desiguais quando comparados aos demais níveis de escolaridade. Embora o nível de desigualdade seja menor, a remuneração média é a mais baixa, refletindo, assim, as menores perspectivas de variação de renda.

4. Considerações finais

Como primeiras considerações acerca dos diferenciais de rendimento encontrados no campo de trabalho dos músicos, constata-se a hipótese de que os rendimentos dos músicos não apresentam uma relação linear com os diferentes níveis de educação formal, assim como retrata a literatura especializada no campo de trabalho artístico.

Ao testar a hipótese de que o trabalho dos músicos é dotado de uma distribuição de renda bastante concentrada, com poucos indivíduos percebendo remunerações muito altas, verifica-se que 55,27% dos músicos da amostra recebem rendimentos abaixo da média observada. Através da leitura das estatísticas descritivas sobre os rendimentos dos músicos, observam-se desigualdades de rendimentos latentes, e, conforme preconiza Throsby (1994), em que há bem-estar do indivíduo trabalhar em ocupações artísticas, as análises das desigualdades intragrupo foram direcionadas para serem observadas em dois diferentes grupos: i) músicos sem dedicação exclusiva; ii) músicos com dedicação exclusiva.

Considerando que um dos fatos estilizados do trabalho artístico é de que poucos indivíduos se sobressaem e alcançam rendimentos extraordinários, nota-se que, nestes dois grandes grupos, os maiores níveis de desigualdade, além dos encontrados na literatura especializada, se referem à faixa etária e ao nível de escolaridade. Os resultados apontados pelos indicadores de desigualdade mostram que os músicos com dedicação exclusiva concentram maiores rendimentos médios e, também, possuem os maiores níveis de desigualdade em algumas categorias específicas, como na faixa etária de 30 a 36 anos e com ensino superior em música. Os músicos autodidatas apresentaram os menores níveis de desigualdade, no entanto, seus rendimentos são os mais baixos observados nesta análise.

Ainda como parte complementar dos diferenciais de rendimentos, constatou-se a relação da satisfação do músico com o seu trabalho como um princípio explicativo dos diferenciais de rendimentos, visto que os retornos pecuniários são superiores para os músicos que se classificam como satisfeitos perante os insatisfeitos.

Em relação a hipótese de uma distribuição de renda distorcida no universo de trabalho dos músicos, observou-se que a maior parte dos músicos auferem rendimentos inferiores à média geral. Sabendo que os artistas possuem utilidade em trabalhar em ocupações artísticas e ocupações não artísticas (THROSBY, 1994) e, que grande parte dos músicos da amostra em Belo Horizonte são graduados em ao menos alguma área do conhecimento, a análise intragrupo

se direcionou para observar o comportamento em dois grandes grupos: músicos com e sem dedicação exclusiva.

Ainda que o ano de 2020 tenha sido atípico em razão da pandemia da COVID-19 e seus efeitos deletérios tenham repercutido sobre a remuneração e a distribuição de rendimentos dos músicos na cidade de Belo Horizonte, os resultados corroboram que a categoria ocupacional está sujeita a vulnerabilidades, tornando o retorno pecuniário fruto de variáveis muitas vezes não observáveis como talento e não observadas neste estudo, como histórico de vida familiar e a inserção na rede. Políticas públicas para desconcentrar a distribuição devem priorizar editais e fundos que prestigiem os mais jovens, com formação musical e residam em áreas periféricas na cidade.

Referências Bibliográficas

ALACOVSKA, A.; GILL, R. De-westernizing creative labour studies: The informality of creative work from an ex-centric perspective. **International Journal of Cultural Studies**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2019.

ALPER, N. O.; WASSAIL, G. H. Artists' careers and their labor markets. **Handbook of the Economics of Art and Culture**, v. 1, p. 813-864, 2006.

BILLE, T.; JENSEN, S. Artistic education matters: survival in the arts occupations. *Journal of Cultural Economics*, v. 42, n. 1, p. 23-43, 2018.

CAMPBELL, M. 'Shit is hard, yo': young people making a living in the creative industries. **International Journal of Cultural Policy**, v. 26, n. 4, p. 524-543, 2020.

CHUNG, K. H.; COX, Raymond AK. A stochastic model of superstardom: An application of the Yule distribution. **The Review of Economics and Statistics**, p. 771-775, 1994.

COLOSIMO, E. A.; GIOLO, S.R. **Análise de sobrevivência aplicada**. São Paulo: Edgard Blücher, 380 p., 2006.

COULANGEON, P.; RAVET, H.; ROHARIK, I. Gender differentiated effect of time in performing arts professions: Musicians, actors and dancers in contemporary France. **Poetics**, v. 33, n. 5-6, p. 369-387, 2005.

COWEN, T.; TABARROK, A. An economic theory of avant-garde and popular art, or high and low culture. *Southern Economic Journal*, p. 232-253, 2000.

COX, D. R.; SNELL, E. J. A general definition of residuals. **Journal of the Royal Statistical Society B**, London, v. 30, n. 2, p. 248-254, Mar. 1968.

EIKHOF, D., R.; WARHURST, C. The promised land? Why social inequalities are systemic in the creative industries. **Employee Relations**, 35 (4), 2013.

HAAK, C. Künstler zwischen selbständiger und abhängiger Erwerbsarbeit. **Discussion Paper 2005-107**, Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung (WZB), 2005.

HENNEKAM, S.; BENNETT, D. Creative industries work across multiple contexts: common themes and challenges. **Personnel Review**, 46-1: p. 68-85, 2017.

HOFFMANN, R. Decomposition of Mehran and Piesch inequality measures by factor components and their application to the distribution of per capita household income in Brazil. **Brazilian Review of Econometrics**, v. 24, n. 1, p. 149-171, 2004.

HOFFMANN, R.; DUARTE, J. C. A distribuição da renda no Brasil. **Revista de administração de empresas**, v. 12, n. 2, p. 46-66, 1972.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. **Psicologia em estudo**, v. 14, n. 1, p. 75-82, 2009.

MARTINEZ, M. C. As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Departamento de Saúde Ambiental, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível: <https://www.researchgate.net/profile/Maria-Martinez-7/publication/34734425_As_relacoes_entre_a_satisfacao_com_aspectos_psicossociais_no_trabalho_e_a_saude_do_trabalhador/links/5593e9da08ae5af2b0ecd152/As-relacoes-entre-a-satisfacao-com-aspectos-psicossociais-no-trabalho-e-a-saude-do-trabalhador.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

MCLAIN, J. J. The income of visual artists in New Orleans. **Journal of Cultural Economics**, p. 63-76, 1978.

MENGER, P. M. Artistic Labor Markets and Careers. **Annual Review of Sociology**, 25:541–574. 1999.

MENGER, P. M. Artistic labor markets: Contingent work, excess supply and occupational risk management. **Handbook of the Economics of Art and Culture**, v. 1, p. 765-811, 2006.

MINCER, J. Schooling, experience, and earnings. **New York: National Bureau of Economic Research**: Columbia University, 152 p., 1974.

ROSEN, S. The economics of superstars. **American Economic Review**, 71(5), p. 845–858. 1981.

SNOOKS, G. D. Determinants of earnings inequality amongst Australian artists. **Australian Economic Papers**, v. 22, n. 41, p. 322-332, 1983.

STEINER, L.; SCHNEIDER, L. The happy artist: an empirical application of the work-preference model. **Journal of Cultural Economics**, v. 37, n. 2, p. 225-246, 2013.

SWAN, J. A.; DE MORAES, L. F. R.; COOPER, C. L. Developing the occupational stress indicator (OSI) for use in Brazil: a report on the reliability and validity of the translated OSI. **Stress Medicine**, v. 9, n. 4, p. 247-253, 1993.

THROSBY, D. A Work-Preference Model of Artist Behaviour. In Peacock, A. and Rizzo, I., editors. **Cultural Economics and Cultural Policies**. Kluwer, 1994.

TOWSE, R. Human capital and artists' labour markets. **Handbook of the Economics of Art and Culture**, v. 1, p. 865-894, 2006.

WASSALL, G. H.; ALPER, N. O. Toward a Unified Theory of the Determinants of the Earnings of Artists. In: **Cultural economics**. Springer, Berlin, Heidelberg, p. 187-200, 1992.